



OS ESCRITOS DA SECA DE PATROCÍNIO: ENTRE A CARTA E O ROMANCE NO ESPAÇO FOLHETIM¹

Socorro de Fátima Pacífico Barbosa*
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
socorrofpbarbosa@hotmail.com

Camila Burgardt**
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
camila.burgardt@hotmail.com

RESUMO: Alijado do cânone literário do século XIX, José do Patrocínio só é lembrado devido a sua condição de filho de escrava e seu fervor abolicionista. Este artigo visa lançar luz sobre a produção jornalística e literária do escritor, notadamente sobre a sua participação como escritor do Folhetim da *Gazeta de Notícias*, com as cartas enviadas do Ceará, durante o período de maio a agosto de 1878. As cartas, denominadas pelo autor de “Viagem ao Norte”, são o relato sobre as consequências de um ano de seca, com a qual convivia a província do Ceará e que, mais tarde, foram transformados no romance, *Os retirantes*, também publicado no espaço Folhetim do mesmo jornal. Propomos demonstrar como a carta, mesmo com critérios de objetividade possui elementos característicos da linguagem figurada, que viriam a se acentuar no romance. Analisamos o processo de transformação de um suporte ao outro – jornal para livro – e de um gênero para outro – carta para romance –, na tentativa de demonstrar a afirmação de D.F Mckenzie, segundo a qual os gêneros novos nascem ou se transformam pela exigência dos novos leitores e das formas tipográficas que lhes informam.

PALAVRAS-CHAVE: José do Patrocínio. Romance *Os retirantes*. Gênero epistolar. Século XIX.

THE WRITINGS ON THE DROUGHT OF PATROCÍNIO: BETWEEN THE LETTER AND THE NOVEL IN THE LEAFLET SPACE

ABSTRACT: Alienated from the literary canon of the nineteenth century, José do Patrocínio is only remembered as son of a slave woman and for his abolitionist fervor. This article aims to shed light on the

¹ Este artigo é uma versão ampliada e revista de uma das partes da dissertação de mestrado, defendida em março de 2014, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, intitulada *A invenção da seca no século XIX: a imprensa do norte e o romance Os retirantes*. A pesquisa recebeu apoio financeiro da Capes.

* Professora Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora do CNPq.

** Doutoranda em Estudos da Memória e Produção Cultural na Universidade Federal da Paraíba.

journalistic and literary production of the writer, especially on his participation as a serial writer of *Gazeta de Notícias*, with the letters sent from Ceará, during the period from May to August 1878. The letters, called by the author of "Journey Towards North", are the author's report about the consequences of one year of drought in the province of Ceará. Those letters later turned into a novel, *The Migrants*, also published in the same newspaper. We propose to demonstrate how the letter, that even with criteria of objectivity, has characteristic elements of the figurative language, that would later be enhanced in the novel. We analyzed the process of transformation of a medium into another - newspaper to a book - and from a genre into another - letter to a novel - in an attempt to demonstrate the claim D. F. McKenzie, according to which the new genres emerge or transmute by the requirement of new readers and typographic forms that inform them.

KEYWORDS: José do Patrocínio. *The migrants* novel. Epistolary writing. 19 th Century.

Segundo Albuquerque Júnior², o Nordeste é, em grande medida, rebento das secas e produto imagético-discursivo dos mais diferentes escritos e imagens desse fenômeno. Assim, dimensionar essa seca como um marco do início da história das secas na região Norte ou como um simples fenômeno natural não reflete as repercussões sociais, econômicas e culturais de seus desdobramentos, enquanto um fato histórico e um discurso inventariado pelos homens das mais diferentes condições sociais, intenções e experiências de mundo. Assim, buscamos analisar as contribuições de José do Patrocínio, conhecido jornalista na corte a época, na sedimentação de um discurso sobre um povo e uma região específica do país ao não problematizar o fenômeno e suas consequências, construindo uma composição literária que reflete discriminações regionais, uma vez que não discute as realidades sociais, políticas, culturais e psicológicas de localidade. Ainda que a contragosto, Patrocínio acabou corroborando com os discursos que ajudaram a sedimentar uma visão sobre a seca. Fundada em imagens e palavras fortes que se naturalizaram na escrita sobre o fenômeno climático.

José Maria do Espírito Santo, mais conhecido como José do Patrocínio (1853-1905), jornalista e escritor, atuou como correspondente do jornal *Gazeta de Notícias*³ no Ceará, de maio a agosto de 1878, e produziu uma série de dez cartas sobre a situação da província nortista, que enfrentava os efeitos devastadores da seca de 77. Estes escritos foram publicados, em forma de carta, na coluna "Folhetins", sob o título "Viagem ao

² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. Pref. de Margareth Rago. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução (1877-1922)**. 435 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

³ Neste trabalho utilizamos como fontes os periódicos: *Gazeta de Notícias*, RJ: 1878; *Eco do povo*, Crato - CE: 1879. Os exemplares dos jornais encontram-se digitalizados e podem ser acessados em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>.

Norte”, de junho a setembro daquele ano. Do conjunto dessas cartas, o autor tinha como objetivo além de observar e noticiar, “fazer com tais elementos um livro”⁴, um romance, que viria a se chamar *Os retirantes*⁵, publicado em 1879. Este artigo tem o propósito de analisar o processo de transformação de um suporte ao outro – jornal para livro – e de um gênero para outro – carta para romance –, na tentativa de demonstrar a afirmação de D.F Mckenzie⁶, segundo a qual os gêneros novos nascem ou se transformam pela exigência dos novos leitores e das formas tipográficas que lhes informam.

Segundo Barbosa, “não há nada que traduza melhor o que era um jornal do século XIX do que as palavras *Variedade e Miscelânea*”⁷, uma vez que vários tipos de gêneros escritos podiam ser encontrados em uma mesma coluna. A coluna “Folhetins”, do jornal *Gazeta de Notícias*, é exemplo dessa variedade de temas e da miscelânea de gêneros, próprias desta coluna. Antes de abrigar as cartas de “Viagem ao Norte” acolheu, por exemplo, o romance-folhetim *Motta Coqueiro ou a pena de morte*, do mesmo Patrocínio, depois publicado em livro (1878). Antes da viagem ao Ceará, o autor de *Os retirantes* também assinou, no mesmo rodapé, a coluna “Folhetim da Gazeta de Notícias”, sob o título “Conversemos...”, em que registra várias exposições acerca de diversos assuntos, tais como literatura e política, com o pseudônimo “Nemo”. Além disso, várias outras obras foram publicadas nessa coluna, como o romance-folhetim *O ventríloquo*, de X. de Montepin e, também, o romance – *Os retirantes*, de Patrocínio, publicado em folhetins no período de 29/06/1879, n.176, a 10/12/1879, n. 339.

Nesse sentido, pode-se observar que a publicação de “Viagem ao Norte” corrobora com o fato de que o espaço folhetim dos jornais poderiam abrigar diversos gêneros. Do mesmo modo, observa-se a função do que hoje seria uma reportagem, abrigada sob o gênero epistolar, já que as cartas foram escritas com a intenção de relatar os acontecimentos da seca do Ceará – “Publicamos hoje a primeira carta que de Maceió nos dirigiu o nosso colega Patrocínio, comissionado por nós para observar as províncias

⁴ **Gazeta de Notícias**, 10/05/1878, n.127, p. 01

⁵ Utilizamos o romance: PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: Editora Três, 1973. (Coleção obras imortais da nossa literatura, v. 32-33).

⁶ MCKENZIE, D. F. Bibliography and the sociology of texts. In: **Bibliography and the sociology of texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

⁷ BARBOSA, Socorro de Fátima P. **Literatura e periódicos no século XIX**: perspectivas históricas e teóricas. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, p. 37

do norte e especialmente a do Ceará e remeter-nos daí [...] notícias.”⁸ As cartas do correspondente, tratadas aqui, como na época, enquanto objetos literários⁹, podem ser lidas no jornal como escritos curtos de prosa de ficção acerca das consequências da seca, na província do Ceará, uma vez que ocuparam um lugar de destaque na folha, o rodapé da primeira página, onde, segundo o jornal, trariam “... notícias exatas e minuciosas acerca do estado da população daquela parte do império”.¹⁰ Assim, o que nos interessa é observar como um gênero, a carta, escrita por Patrocínio, utilizando os recursos literários e ficcionais passou de reportagem, quando pretendeu dar aos leitores do jornal *Gazeta de Notícias* a sua versão da seca, a romance, estruturado em forma de narrativa ficcional com todos os seus elementos. É importante observar que neste momento, em que o romance adquiria dignidade e *status* como prosa de ficção, as normas e prescrições da *ars dictaminis* ou a arte epistolar ainda vigoravam, em maior ou menor grau, na medida da necessidade e das intenções dos autores dessas missivas, no fim do século XIX.¹¹

Conforme já informado anteriormente, Patrocínio escreveu dez cartas que foram publicados na coluna Folhetim, da *Gazeta de Notícias*, no período de 01 e 06/06/1878 (continuação), e que narram os acontecimentos desde sua saída da Corte, a rápida passagem pela província da Bahia, até a chegada à capital da província de Alagoas, Maceió, onde assim descreve os retirantes:

Pelas ruas, praças, pela estrada arrasta-se tristemente o sórdido transbordamento da miséria das províncias do norte; os míseros retirantes.

Os rostos escaveirados pela fome revestes-lhes de um colorido ictérico. Os olhos esbugalhados, os cabelos emaranhados; os andrajos que lhes cobrem os corpos emagrecidos dão-lhes aquele ar sorneiro dos idiotas. Retarda-lhes o andar a inchação das pernas e dos pés; curva-lhes a cabeça o vexame da desgraça.¹²

⁸ *Gazeta de Notícias*, 01/06/1878, n.149, p. 01

⁹ BARBOSA, Socorro de Fátima P. A escrita epistolar, a literatura e os jornais do século XIX: uma história. In: *Revista da Anpoll*, Vol 1, nº 30, p. 261-291. 2011 [online]. Disponível em <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/196>>. Acesso em 11/02/2013.

¹⁰ *Gazeta de Notícias*, 10/05/1878, n.127, p. 01

¹¹ BURGARDT, Camila M. *A invenção da seca no século XIX: a imprensa do Norte e o romance Os retirantes*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

¹² *Gazeta de Notícias*, 06/06/1878, n.154, p. 01.

Nessa representação da seca e de suas consequências, o autor desenha a imagem dos retirantes utilizando-se da perífrase numa imagem simbólica da desesperança, em que seres disformes caminham rumo a lugar nenhum ou a qualquer lugar, já que não tem para onde ir. Os retirantes são vistos em cada uma das imagens, a partir de atributos com características amplificadoras, – “rostos escaveirados”, “olhos esbugalhados”, “cabelos emaranhados”, “a inchação das pernas e dos pés” – numa construção figurada que busca reforçar a ideia de desespero para produzir os efeitos desejados sobre os leitores, com a intenção de convencê-los, de modo exagerado e disfarçado, a concordarem com as “verdades” do escritor.

As características dos retirantes apresentam-se em uma enumeração gradativa e ascendente, hipérboles que podemos comparar a um devaneio poético do autor, tamanha a sua abstração e ao aumento ou “transbordamento” da intensidade semântica, uma vez que se lermos fora do contexto de sua enunciação, não sabemos mais sobre o que o autor está tratando. Também não basta apresentar todas as características físicas de seres “abomináveis”, é preciso que a capacidade mental dos retirantes, do mesmo modo, seja menosprezada, pois são “sorneiro[s]”, ou seja, são preguiçosos, vagarosos, indolentes, indiferentes, insensíveis.¹³ É preciso destacar a força dessas imagens, até hoje presentes no imaginário brasileiro.

Outro recurso muito utilizado por Patrocínio e que observamos já nesse primeiro trecho é a hipotipose - um artifício retórico, claro e imaginativo, que se baseia na declaração “imaginada” dos sentidos.¹⁴ Assim, essas narrações e textos que enchem as páginas dos jornais que circulavam pelo país e eram repetidos em outros jornais, em um diálogo cíclico e recorrente, começavam a acionar nos sujeitos uma imagem pronta e acabada, identificando um lugar específico – a região Norte - e um sujeito específico – o sertanejo nortista, criando em torno deles uma imagem tão forte e duradoura, que se propagou para os romances e outras formas de arte.¹⁵ Patrocínio também passa pelas capitais das províncias de Pernambuco e da Paraíba, onde desembarca e faz novas constatações sobre as consequências da seca, antes da chegada ao Ceará, seu destino

¹³ HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss 1.0**. Editora Objetiva. Junho, 2009.

¹⁴ REBOUL. Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

¹⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução (1877-1922)**. 435 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

final. Ali, logo ao desembarcar, no porto de Mucuripe, já constata “a atraente tristeza do cenário”.¹⁶ A partir da terceira missiva, de 20/07/1878, o autor passa a dissertar sobre a cidade de Fortaleza, a princípio, assim como no romance *Os retirantes*, temos a descrição da cidade, como podemos observar:

A topografia da cidade é de uma regularidade extraordinária. A maior parte, edificada sobre um plano, guarda a disposição dos quadros de um tabuleiro de xadrez.

As praças são muito espaçosas e arborizadas, as ruas perfeitamente retas, porém pouco asseadas. A noite uma boa iluminação estria cada uma delas com duas paralelas de luz.¹⁷

A cidade da Fortaleza está situada à beira do mar, sobre um extenso cômoro de ondulações tão suaves, que se disfarçam numa vasta planície.

As suas ruas se cruzam com a regularidade das carreiras de uma tábua de xadrez, e de quando em quando vão desembocar em praças espaçosas, elegantemente arborizadas por longas filas de árvores gigantescas.¹⁸

A descrição da cidade ou da paisagem nos romances do século XIX era uma tópica constante. José de Alencar (1829-1877), por exemplo, inicia *O guarani* (1857) com o capítulo “Cenário”; em *O gaúcho* começa com a descrição d’“O pampa” e *O sertanejo* abre com a descrição do sertão cearense. Outros romancistas também utilizaram essa técnica e, nesse momento histórico, esse artifício serviu também ao propósito de formação da nação, no sentido de fazer conhecer um país de proporções continentais.¹⁹ A descrição das cidades e das paisagens também obedece a um *topos* comum da retórica, a do lugar, uma vez que cada cidade, vilarejo ou fazenda opera segundo leis, costumes e instituições diferentes.²⁰ E é essa diferença que constrói o lugar, objeto de elogio ou de vituperação, de exaltação ou de crítica, essa construção tem por finalidade fazer conhecer uma região específica e pouco conhecida para o resto do país a todos os leitores.

¹⁶ **Gazeta de Notícias**, 20/07/1878, n.198, p.01.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 33, p. 181.

¹⁹ PESAVENTO, Sandra J. Literatura, história e identidade nacional. In: **Revista Vidya** [online]. Santa Maria – RS: UNIFRA, 2000. Disponível em <<http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2000/33/literatura.pdf>>. Acesso em 10/11/2014.

²⁰ HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho**: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

Nessas duas citações anteriores, há um claro contraste da cidade, sua organização e urbanização com os personagens e a miséria reinantes no lugar, duas representações díspares entre a cidade e seus atuais moradores. Esse descompasso e o investimento semântico utilizado por Patrocínio atuam, também, como uma ampliação da distância entre esses dois elementos que se mantêm à revelia um do outro. Segundo nos informa Santos²¹, “os retirantes eram tidos como seres desprezíveis, uma espécie de estorvo na existência dos ‘nobres’. Não raro, eram enxotados do convívio entre os mais afortunados”, o que apresenta outra relação dispar – entre a população urbana mais favorecida e os retirantes, “invasores” da cidade, que traziam consigo toda sorte de doenças.

Observamos que o início da descrição física do ambiente confunde-se e, em ambos os gêneros literários, carta e romance, apresentam uma descrição da capital cearense de modo muito parecido, quase semelhante, não fosse a ligeira modificação na estrutura frasal. Para isso, o autor usa de figuras como a enumeração da disposição da cidade, bem como da metáfora com o jogo de xadrez para falar sobre a sua topografia da cidade – plana e organizada, mas as semelhanças não param por aí, várias outras correspondências podem ser relacionadas, como por exemplo, a representação do fato tido como do milagre do cruzeiro, abaixo descrito:

No adro há um grande cruzeiro, objeto especial da adoração supersticiosa do povo.

Ainda no dia dezesseis de junho aglomerou-se em torno do patíbulo divino a religiosa multidão. Dizia-se que um grande milagre acabava de operar-se: o cruzeiro marejava água, anúncio sobrenatural da terminação da calamidade que flagela a província.²²

Uma tarde abriu-se-lhe a imaginação a uma grande esperança. Circulou pela cidade um boato, que, embora não tivesse grande alcance aos olhos de Augusto, produziu sobre si uma agradável impressão. Propalou-se que o enorme cruzeiro da praça da Sé estava a marejar água.²³

Em ambos os casos, observa-se o distanciamento das crenças populares, moduladas por elementos de ambas as narrativas. Na carta, é José do Patrocínio quem classifica o acontecimento como “adoração supersticiosa”, já no romance, a declaração

²¹ SANTOS, Rinaldo. **A revolução nordestina**: a epopéia das secas. Recife: Tropical, 1984, p. 131.

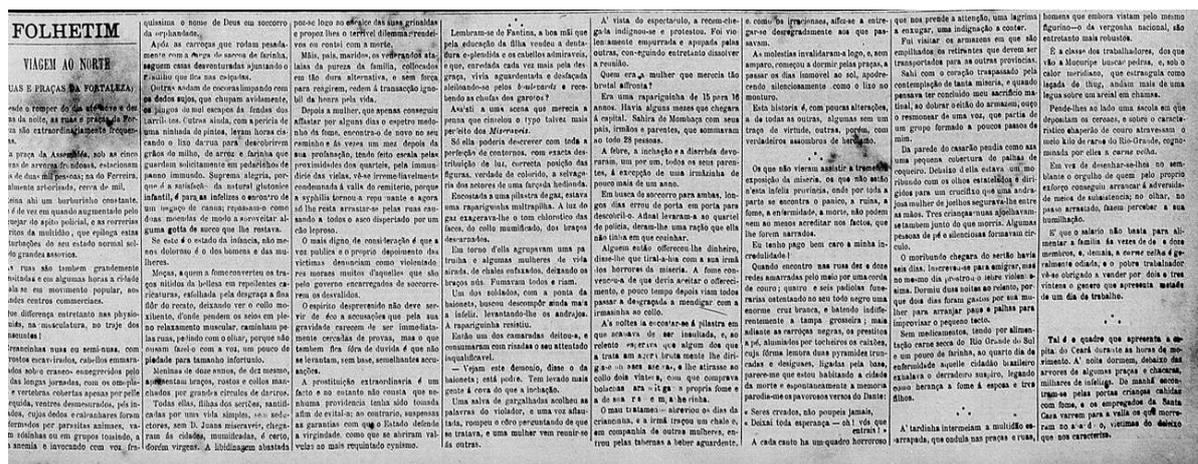
²² **Gazeta de Notícias**, 20/07/1878, n. 198, p.01.

²³ PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 33, p. 279.

parte da voz do personagem Augusto Feitosa, o herói romântico e anti-clerical, que transforma o fato em oportunidade outra, ou seja, esperava que a aglomeração em torno do patíbulo favorecesse o reencontro com a sua amada, Irena.

Esta representação religiosa da seca é um dos sinais da crençide popular com a qual Patrocínio dialogou entre os seus escritos sobre a seca. A leitura de ambos os trechos, se retirada de seus suportes que os dão a ler, demonstra apenas pequenas mudanças estruturais da passagem do gênero carta, para o romance, mas em ambos os casos, de um modo ou de outro, observamos que a religiosidade em ambas as vozes, citadas anteriormente, revelam o caráter teórico e pragmático do Providencialismo divino, que perdurou no Brasil até fins do século XIX²⁴ e apresenta duplo sentido – material e imaterial. Material pelo seu caráter prático como pela falta d'água, pelos dias luminosos, quentes e secos, pelas mortes; e imaterial pelo seu caráter abstrato, como um conjunto de crenças e valores morais, consequência direta dos pecados humanos, um sistema de orientação para a vida dos praticantes religiosos em que a vida dos sujeitos coloca-se nas mãos da religiosidade.

Na carta seguinte, a quarta, do folhetim da *Gazeta de Notícias*²⁵ encontramos uma carta dividida em cinco partes, pela marca dos três pontinhos, e que podem ser lidas de modo aleatório, como podemos observar na figura abaixo:



²⁴ ROSA, Giorgio de Lacerda. *A suprema causa motora: o providencialismo e a escrita da história (1808-1825)*. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2011.

²⁵ 23/07/1878, n. 201, p. 01

Nela, Patrocínio descreve as “Ruas e praças de Fortaleza”, mas em vez de tratar do aspecto físico desses lugares, descreve a penúria das crianças, o que nos remete diretamente para as consequências da seca sobre a população faminta:

Criancinhas nuas ou seminuas, com os rostos escaveirados, cabelos emaranhados sobre crâneos enegrecidos pelo pó das longas jornadas, com as omoplatas e vértebras cobertas apenas por pele ressequida, ventres desmesurados, pés inchados, cujos dedos e calcanhares foram disformados por parasitas animais, vagam sozinhas ou em grupos tossindo, a sua anemia e invocando com voz fraquíssima o nome de Deus em socorro da orfandade.

Após as carroças que rodam pesadamente com a carga de sacos de farinha, seguem essas desventuradas ajuntando o restolho que fica nas calçadas.

Outras andam de cócoras limpando com os dedos sujos, que chupam avidamente, os pingos de mel escapos às fendas dos barrilhetes. Outras ainda, com a perícia de uma ninhada de pintos, levam horas ciscando o lixo da rua para descobrirem grãos de milho, de arroz e farinha que guardam solícitamente em pedacinhos de pano imundo. Suprema alegria, porque é a satisfação da natural glutonice infantil, é para os infelizes o encontro de um bagaço de cana; repassam-no como duas moendas de modo a aproveitar alguma gota de suco que lhe restava.²⁶



Passava uma fila de carroças sobre as quais eram transportados grandes tonéis de mel.

O líquido, vazando pelas frestas das toscas vasilhas, deixava na calçada um rastilho negro.

Após as carroças precipitava-se uma multidão de crianças, nuas, sórdidas, que apanhavam com os dedos os fios de mel, ou deitavam-se sobre a calçada quente da soalheira para lambê-lo, não sem medonhos conflitos.

“Como devem ter fome estes pequeninos para que lhes consentam fazer semelhante coisa” – pensava Eulália, que aproveitava a parada involuntária para observar a vontade os transeuntes.²⁷

Nesse caso, vemos nessa carta que o autor desenvolve a descrição das crianças, como já fizera a dos adultos, mas agora com maior requinte de detalhes, uma vez que as caracteriza fisicamente de modo tão vivo e enérgico, que parece colocá-las sob os olhos do leitor, em que o brilho retórico, no melhor estilo da palavra, com suas redundâncias e repetições, cores e ornamentos, exageros e sinônimos seguem delineando o discurso sobre o retirante nordestino, criando uma espécie diferenciada de ser humano, animalizando-as. Através de símiles que comparam crianças nordestinas com animais, a

²⁶ **Gazeta de Notícias**, 20/07/1878, n. 198, p.01.

²⁷ PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 33, p. 234.

exemplo, a “ninhada de pintos”, é evidente, pois ambos apresentam a característica da procura de dejetos comestíveis no chão, restos, lixo e, simbolicamente, esse tipo de associação é negativa, quando assinala que as crianças passam “horas ciscando o lixo [...] que guardam solícitamente em pedacinhos de pano imundo”, uma enumeração acumulativa em que o texto é expandido, intensificando-se o sentido pejorativo da ação das crianças.

Ao mesmo tempo, a descrição física não parece de crianças normais, o autor dá a impressão de estar descrevendo seres anormais, bizarros, deteriorados pela ação da seca, principalmente pela fome, o que confere um maior grau de anormalidade caricata e grotesca a esses seres. Para isso, apresentando uma série gradativa e ascendente de deformidades que terminam com a afirmação: “parasitas animais”. Esta pode ser duplamente interpretado: como portadores de doenças, o que produz efeitos imagéticos fortes sobre os leitores acerca delas, ou passam a ser consideradas, em si, como “parasitas animais”. A fusão das duas realidades – a humana e a animal – cria uma ideia deteriorada e depreciativa acerca das pessoas e da região que acaba por intensificar um determinado pré-conhecimento do lugar e das pessoas que compõem esse cenário degradante e degradado, que corrói os seres humanos.

No romance, o espetáculo das crianças esfaimadas também confere uma cena pitoresca. A hipérbole da “uma multidão de crianças” confere uma amplificação imagética exagerada das coisas, já em “deitavam-se sobre a calçada quente da soalheira” temos uma configuração sinestésica, uma vez que a linguagem se caracteriza pela evocação de impressões sensoriais através da palavra, neste caso, o tato. Dessa forma, a sensação no corpo ao tocar um chão imundo e quente confere ao leitor a sensação de asco e repugnância por este ambiente hostil e imundo. Nesse caso, também é interessante observar a preponderância da intensa carga descritiva e imagética da carta sobre o romance; nos trechos acima tanto da carta quanto do romance, observamos que Patrocínio descreve em minúcias vivas, produzindo um efeito de evidência sobre o público visado, moldando a escrita de tal modo que o argumento brilha através das figuras de linguagem, seduzindo. Já na escrita do romance a narração da mesma cena apresenta alterações retóricas menos intensas daquelas presentes nas cartas, como: desvios metafóricos, enumeração, descrição viva (hipotipose), hipérbolos entre outras, indicando o uso da língua em situações diferentes de combate linguístico efetivo, com propósitos distintos. Uma hipótese é a de que a intensidade retórica da missiva pode ter

sido substituída pela voz apreciativa, moral e crítica da personagem Eulália que, no caso do romance, contempla e julga a cena.

Já na publicação de 03/08/1878, n. 212, que trata dos “Abarracamentos e pagadoria dos retirantes na Fortaleza”, é utilizada uma expressão que será mais vivamente descrita no romance – o egoísmo da conservação – que se refere ao instinto humano de sobrevivência, como se vê, na descrição abaixo:

Entretanto vive-se aí, quer-se viver e a luta pela existência impõe-se na inteireza da sua fatalidade.

As horas da refeição, distribuída às viúvas, aos órfãos e aos enfermos, dão-se verdadeiras batalhas. Não se respeita nem a velhice nem a infância; o egoísmo da conservação é surdo aos alheios lamentos.

Cada um apressa-se em chegar primeiro para não ficar privado da única refeição que terá nesse dia. Daí empurrões, lutas, gritos de crianças, pragas dos enfermos.²⁸

À tarde, em torno das cacimbas, travavam-se lutas ardentes de que frequentemente resultavam ferimentos e mortes. É que aqueles que conseguiam encher uma pequena vasilha tinham por esta razão o cuidado de um avaro pelo seu ouro.

O egoísmo da conservação mantinha a mais estreita espionagem para que houvesse igualdade na divisão, e não obtivesse tamina senão uma pessoa de cada família.²⁹

O “instinto de conservação humana”, segundo o autor, floresce sempre no que tange à alimentação e, principalmente, na busca da sobrevivência. Para corroborar essa forte manifestação da natureza humana, mais uma vez, os retirantes da seca são, metaforicamente, comparados a animais na luta pela comida e essas “batalhas” são descritas de modo a apresentar todas as peculiaridades de uma situação de luta pela comida, representadas nas passagens: “Daí empurrões, lutas, gritos de crianças, pragas dos enfermos.” Com este recurso, a enumeração, cuja ligação, nesse caso, se faz por assíndeto, o autor procura representar os detalhes da realidade sobre a qual escreve.

Nos exemplos acima, observa-se o uso deste recurso no trecho de *Os retirantes* quando Maria, esposa do bandido Virgulino, resolve cuidar de dois filhos de uma morta que está no caminho da família, mas o ato é mal visto pela família de Maria que já tem muitas bocas para alimentar. Mais uma vez temos a enumeração por assíndeto, ou seja, o processo de encadeamento do enunciado é marcado pelo uso da vírgula sem a

²⁸ **Gazeta de Notícias**, 03/08/1878, n. 212, p.01

²⁹ PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 33, p. 55.

ocorrência de conjunção coordenativa, amplificando o “desagrado” da família em receber mais duas bocas para alimentar, pois: “O egoísmo do instinto de conservação, brutal, feroz, mas sem imputabilidade, recebeu-a aí com o mais pronunciado desagrado”.³⁰ É assim que, mais tarde, à surdina, a mãe de Maria acaba por matar as duas crianças que poderiam causar a morte de seus netos.

O último trecho, também do romance, narra mais uma disputa pelo alimento. Novamente, o autor usa de uma metáfora, em que toma comida por ouro, esse estratégico recurso expressivo da língua que põe em destaque aspectos que o próprio termo não é capaz de evocar por si mesmo.³¹ Nesse caso, aferindo uma ideia de grande valor e preciosidade ao alimento, principalmente neste momento específico, mas o campo semântico do ouro também pode sugerir outras comparações implícitas como a de escassez para ser encontrado, preciosidade capaz de suscitar grandes lutas na sua disputa, como ocorria naquele momento de falta de alimento.

Outro ponto que caracteriza e deixa explícita a linguagem literária tanto nas cartas quanto no romance diz respeito à descrição da serra enquanto local de clima mais ameno, agradável e úmido. Esse tema aparece na missiva de 15/08/1878, n. 224, que é dividida em duas partes e que trata das “Estradas do Ceará”, como se vê no trecho que segue:

Do meio da aridez das terras baixas levantam-se as serras como enormes oásis. O calor elevadíssimo diminui até a amenidade, os raios do sol ardente arrefecem aos bafejos de virações suaves; brotam de toda parte olhos d'água que, saltitando de pedra em pedra, e escorregando murmurosamente sobre leitos secos, serpenteiam em curso natural em alvos marcados pela mão do homem através de plantios viçosos. Tudo enfim se prepara para uma inspiração de poeta lírico, desde o colorido do céu até as revoadas sonoras das aves; desde o verdor da vegetação luxuriosa e esplêndida até a limpidez e potabilidade das águas.

Mas os oásis servem apenas para cominar-se aos pobres retirantes o suplício de Tântalo.

Os canaviais desnudam os seus gomos túmidos, os mandiocais estremecem o tom verde gaio das suas folhas, os batatais estendem pelo solo os seus bracejamentos cinzentos ou roxos, somente para atirarem-lhes, com a perspectiva da fartura, uma ironia pungente a fome.

³⁰ PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 33, p. 48.

³¹ LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. 5ªEd. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

Milhares de olhos avaros espionam as plantações, e o crime de tocá-lhes é severamente punido.

O proprietário, instaurando aos miseráveis processo sumário, termina infligindo lhes o castigo de algumas dúzias de palmadas e chicotadas, ou então a pena de ter a cabeça raspada em cruz.

Esta é a mais severa das penas. O desgraçado que sofrê-la caminhará irremediavelmente sem amparo, e morrerá sem despertar a mínima compaixão.³²

Seguiu quase a correr, descendo a íngreme ladeira como se fosse intento seu não parar. Embaixo um panorama esplêndido desdobrou-se diante de si. Uma situação perfeitamente cultivada estendia-se com os seus canaviais viridentes, cheios de ruído, com os seus cafezais e mandiocais verde-negros dominando um grande espaço. Sobre um pequeno tabuleiro a casa, iluminada, surgia sonora de gargalhadas e gritaria de crianças. Próximo a ela, num curral espaçoso, o gado meneava os chocalhos, ruminando tranquilamente. A pouca distância do curral, um vasto telheiro mostrava-se inteiramente iluminado por enorme fogueira.³³

- Pois então! A serra não dá para todos e nós que aqui moramos já não podemos. Fomos forçados até a impedir que subissem retirantes para cá. Daqui para baixo, para cima ninguém, que não vá de passagem. Se não fizéssemos assim, morreríamos também de fome.³⁴

Na primeira parte da carta temos a descrição da serra como um oásis na terra, portanto, local precioso e que por isso deve ser guardado e protegido. Novamente, a enumeração progressiva das qualidades do espaço físico, a acumulação de informações apreciativas com relação ao lugar busca nos dar a ideia de paraíso, para isso, o autor também procura através de impressões sensoriais por meio da palavra, nesse caso, para além da visualização da cena imagética, com sensações visuais e sonoras – “... desde o colorido do céu até as revoadas sonoras das aves; desde o verdor da vegetação luxuriosa e esplêndida até a limpidez e potabilidade das águas.”. Essas descrições conferem maior capacidade à escrita ficcional de supostamente fazer ver as imagens, através da sinestesia³⁵, caracterizada pela mistura de termos pertencentes a planos sensoriais diversos como, por exemplo, “aridez das terras” (tato), “colorido do céu” (visão), “revoadas sonoras das aves” (audição), “potabilidade das águas” (paladar), criando uma percepção diferente daquele do ambiente serra, como paradisíaco.

³² **Gazeta de Notícias**, 15/08/1878, n. 224, p.01.

³³ PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 33, p. 170.

³⁴ *Ibid.*, p. 171.

³⁵ REBOUL. Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

O autor continua a carta com o uso da metáfora para subentender que o oásis não passa de um “suplício de Tântalo” para os retirantes. Na mitologia grega, Tântalo era filho de Zeus e, certa vez, cometeu um erro grave, como castigo foi lançado ao Tártaro, um lugar abundante em vegetação e água, mas foi sentenciado a nunca saciar sua fome e sede, já que ambos iam para longe de seu alcance ao se aproximar. A expressão refere-se ao sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, mas, ao mesmo tempo, inalcançável. Da mesma forma, sentiam-se os retirantes diante do esplendor da serra, cheia de alimentos e água, mas distante de suas mãos e de sua realidade.

Retomando, a citação do romance *Os retirantes*, observamos que Patrocínio também utiliza da enumeração e da sinestesia para qualificar a serra – “... canaviais viridentes, cheios de ruído, com os seus cafezais e mandiocais verde-negros, [...] a casa, iluminada, surgia sonora de gargalhadas e gritaria de crianças”, para conferir vida, intensidade e encanto para o espaço físico da serra, o que torna o enunciado pictórico e com uma descrição vívida e contribui para causar a impressão desejada – a abundância de vida de um lugar agradável e aprazível entre outro seco e árido, em que reina a carência de necessidades básicas, como a água e o alimento.

É possível observar que, além do lugar, o romance também destaca, novamente, o tema do egoísmo da conservação, uma vez que os moradores da serra não permitem que os retirantes permaneçam na região com medo de que roubem os moradores. Isso é reafirmado com o pleonasma no uso de palavras que repetem uma ideia já contida em vocábulos anteriores, como é o caso de: “Fomos forçados até a impedir que subissem retirantes para cá. Daqui para baixo, para cima ninguém, que não vá de passagem.”³⁶, para reforçar o sentido das frases, isto é, uma dupla negação para impedir a entrada dos retirantes na região, conferindo maior expressividade à oração.

Outra tópica que estará presente tanto nas cartas quanto no romance é a do anticlericalismo e a da crítica política direcionada aos comissários da seca, ou seja, pessoas indicadas pelo governo para o repasse da ajuda governamental, seja ela dinheiro ou gêneros alimentícios. A respeito de ambos, o autor constrói uma imagem de pessoas gananciosas e egoístas, que usam e tiram tudo o que podem de proveito dos outros,

³⁶ PATROCÍNIO, José do. *Os retirantes*. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 33, p. 171.

mesmo nas maiores catástrofes, como podemos conferir logo abaixo, a começar pelos padres, que deveriam ser símbolos de altruísmo e abnegação:

Ao passo que a pretensão do clero cearense abusa desaforadamente do bom senso das classes ilustradas e da credulidade pública, em nome do mesmo Deus e em nome da caridade, oito mulheres e uma pequena associação literária esforçam-se em concorrer eficazmente para melhorar o padecimento do povo.³⁷

É um espetáculo tristíssimo! Os míseros crentes gemem um largo tempo ao lado da igreja à espera que o padre desocupe-se da encomendação dos defuntos ricos, para então confessar os moribundos, tão as pressas que nem despendi mais tempo do que se sacramentasse todos de uma vez só!

Classe digna da maldição pública! Todas as outras têm buscado concorrer para melhorar os efeitos da indescritível calamidade, só ela com o pobre egoísmo conventual nega-se a tudo!

Os vigários do interior abandonaram as suas paróquias e vivem pela capital a desgastar as banhas em passeios à beira-mar, em palestra nas esquinas.

A epidemia dá-lhes abundância de missas do sétimo dia, e por isso mesmo fartura para o apetite clerical.

Alguns além do trabalho de dizer missa e comer três vezes ao dia, ocupam-se também em confessar... em certas casas particulares.

Não há um único sacerdote da impostura católica apostólica que se tenha lembrado de cumprir com os deveres do seu ministério, indo levar a palavra da resignação aos fervorosos crentes, que não podem pagar imposto de fé.

Publicanos hediondos, não haver quem vos corra do templo a azorrague!³⁸

- Viu o senhor em que tenho estado ocupado. Confessei vinte e tantos retirantes moribundos. Ora, eles são causam nojo, imagine o que serão nesse estado.³⁹

Paula abaixou a cabeça envergonhado. Reconheceu que não podia representar bem a sua comédia de vítima, diante daquele homem frio, que sem necessidade, por um mero gracejo, profanava a imagem do Cristo, de quem ele se dizia ministro.⁴⁰

Nas missivas, Patrocínio deixa claro o que pensa a respeito dos padres e, para reforçar a ideia, no primeiro trecho, temos o uso da hipérbole “abusa desaforadamente”, em que há na expressão um exagero de situação por parte dos sacerdotes, também utilizado para enfatizar a contradição de ideias e funções presente na frase entre o clero

³⁷ **Gazeta de Notícias**, 20/07/1878, n.198, p.01.

³⁸ **Gazeta de Notícias**, 03/08/1878, n. 212, p.01.

³⁹ PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 33, p. 265.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 269.

e as “oito mulheres e uma pequena associação literária”, uma vez que também compete ao clero a função de “concorrer eficazmente para melhorar o padecimento do povo”, mas é o grupo das mulheres que se mostram caridosas e que realmente ajudam os necessitados, enquanto os clérigos nada fazem de modo a diminuir o sofrimento dos retirantes.

Outra hipérbole, e também uma redundância, que chama a atenção para o que está sendo exposto é: “Não há um único sacerdote”, que reforça a ideia principal, ou seja, a imoralidade dos padres que, mais à frente, são comparados a “publicanos hediondos”, o que, pelo seu complemento, pode ser entendido como uma alusão bíblica, no que se refere aos coletores de impostos, que eram responsáveis pela renda do império romano. Nesse caso, os padres foram comparados a ladrões que não têm quem os expulse do templo, como fez Jesus com os cambistas. Essa intertextualidade é simbólica ao afirmar que os padres roubam duplamente – dos fiéis e da casa de Deus, portanto são infiéis e corruptos.

Na trama do romance, esta representação é aprofundada, pois não há quem possa expulsar os homens de negócios, os padres, que deveriam ser exemplos de caridade, do templo. No romance, os padres agem, em todas as situações, pensando primeiramente em si e em suas vontades. Eles sequer se dispõem a cumprir os rituais cristãos para os necessitados como, por exemplo, quando um grupo de retirantes chegam a B. V.⁴¹, com um homem morto de fome e o padre Paula os atendeu de má vontade: “[...] com a sua frieza marmórea, e com a mais acentuada indiferença [...]”.⁴² O defunto só contou com os rituais fúnebres e o enterro em sagrado depois do padre tirar todo o dinheiro dos retirantes mais uma um cordão de ouro.

O uso da figura retórica hipotipose, vista anteriormente, busca pintar com vivas cores para o leitor o quadro dos acontecimentos. Isto significa transformar o cenário da seca em um “espetáculo” grandioso, apoteótico. Para reforçar a imagem, o autor usa de alguns outros artifícios como, novamente, a hipérbole, como em – “indescritível calamidade”, “nega-se a tudo”, “abundância de missas”, “não há um único sacerdote”. Segundo Reboul⁴³, a hipérbole aparece com a função do inexprimível, para dizer o que

⁴¹ B.V. ou Vila de Boa Vista no interior cearense é o lugar onde se inicia a trama de *Os retirantes*, na época existia realmente uma vila com este nome no Ceará.

⁴² PATROCÍNIO, José do. *Os retirantes*. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 32, p. 54.

⁴³ REBOUL. Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

de fato não conseguimos e dar a entender, que se descreve, por exemplo, algo tão grande, feio e importante que a linguagem não teria como exprimir. Ela também ocupa a função de amplificar o argumento o máximo possível, de modo a conferir grandiosidade à linguagem. Estes recursos vão dimensionando e construindo o discurso sobre a seca, de modo que ainda hoje, essas são imagens retratadas e mostradas.

Em outro momento, o narrador da carta, n. 212, afirma que os padres “ocupam-se também em confessar... em certas casas particulares”, nesse caso, de acordo com Reboul⁴⁴, a reticência “interrompe a frase para passar ao auditório a tarefa de completá-la; figura por excelência da insinuação, do despudor, da calúnia...”, ou de seu contrário, por exemplo. Neste caso, de acordo com a história em sua totalidade, a presença de um padre em casa particular, já nos remete a um possível abuso desse clérigo.

Já no romance, todos os personagens relacionados à religião: o vilão Padre Paula; o sacristão Marciano, que ajudou Paula na igreja em B. V.; o antigo vigário da freguesia, o qual engravidou uma moça do povoado de B. V.; o vigário “Belmiro d’A...” que trabalhava em um abarracamento, no capítulo “A retirada”, bem como o sacerdote que recebeu Paula na capital cearense são descritos e apontados como indignos e ordinários, a começar pelo próprio padre Paula, o antagonista e responsável por grande parte do sofrimento da personagem Eulália. Nas passagens acima, temos a representação, de modo geral, da índole dos padres. A expressão do romance “comédia de vítima”⁴⁵ ilustra o caráter do padre e cai duplamente bem a descrição irônica do representante de Cristo, uma vez que nos remete ao teatro e, por conseguinte, a espetáculo, palavra que define os escritos de Patrocínio a respeito da seca, um tipo de discurso que será amplamente retomado nos mais diversos escritos *a posteriori*.⁴⁶

A cena da conversa entre o padre Paula e o sacerdote cearense também nos revela o caráter falso e fingido de ambos os padres que conversam na cena, pois o vilão do romance - padre Paula – “Reconheceu que não podia representar bem a sua comédia de vítima, diante daquele homem frio, que sem necessidade, por um mero gracejo,

⁴⁴ REBOUL. Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 127.

⁴⁵ PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 33, p. 269.

⁴⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução (1877-1922)**. 435 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. Pref. de Margareth Rago. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

profanava a imagem do Cristo, de quem ele se dizia ministro.”⁴⁷, esse, aliás, em nenhum momento é nomeado e não podemos diferenciá-lo dos outros, o que nos confere a impressão de que todos os padres são iguais, indiscriminadamente.

Com relação aos comissários a representação construída é de gananciosos, corruptos e ladrões. Imagem essa corroborada em grande parte por outras inúmeras cartas publicadas em vários jornais⁴⁸ na época nos anos de 1877 e 1878, período da seca. A seguir veremos alguns trechos que narram sobre os comissários da seca:

O mais digno de consideração é que a voz pública e o próprio depoimento das vítimas denunciam como violentadores morais muitos daqueles que são pelo governo encarregados de socorrerem os desvalidos.

O espírito desprevenido não deve servir de eco a acusações que pela sua gravidade carecem de ser imediatamente cercadas de provas, mas o que também fica fora de dúvida é que não se levantam, sem base, semelhantes acusações.⁴⁹

O rio dos socorros no seu caminho ao oceano das algibeiras patrióticas tinha formado um delta medonho: os comissários, salvo honrosas exceções; o comércio da providência, e a paixão política, que os criminosos açaimavam pelo interesse.⁵⁰

O que pelo menos era verdadeiro e incontestável era que a mortalidade dos retirantes crescia na razão direta do dispêndio com os socorros, o que de alguma sorte justificava a fama de quais comissões eram os verdadeiros retirantes socorridos.⁵¹

O novo presidente, empossado da administração, encontrou a província entregue à improbidade. Entre o retirante e o Estado havia um sorvedouro - as comissões de socorros.

Cresciam de par as despesas, a mortalidade e a penúria, porque indivíduos desnaturados, abusando da boa fé do ex-presidente, aproveitavam-se da miséria do torrão natal para enriquecer.

O retirante desolado murmurava a sua frase irônica:

- A seca tem sido inverno para muita gente.⁵²

Os discursos são repetidos e repetidos em contextos diferentes – cartas e romance, de modo a tornar-se senso comum, o que se transforma em um discurso que

⁴⁷ PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 33, p. 269.

⁴⁸ A exemplo dos cearenses *Pedro II* (Fortaleza-CE, 1878), *A liberdade* (Crato-CE, 1877), *Eco do Povo* (Fortaleza-CE, 1879), *O retirante* (Fortaleza-CE, 1877-78) e do paraibano *A Opinião* (Parahyba do Norte-PB, 1877).

⁴⁹ **Gazeta de Notícias**, 23/07/1878, n. 201, p.01.

⁵⁰ **Gazeta de Notícias**, 12/09/1878, n. 252, p.01.

⁵¹ PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 33 p. 160-161.

⁵² *Ibid.*, p. 185.

permanece e que passa a contar a história de um momento específico – a seca. Nesse caso, os procedimentos de elaboração textuais são sofisticados, como podemos observar na carta n. 252, com o uso da metáfora, uma vez que entre os socorros e os necessitados os braços dos comissários agiam como a foz de um rio, desviando do caminho correto a ajuda governamental. Esse delta era “medonho”, pavoroso e sem fim, uma vez que as exceções parecem raras.

No romance, a frase irônica “A seca tem sido inverno para muita gente” aparece em dois momentos diferentes⁵³, por ser o retirante a repetir a frase ela aparece ligada ao popular, sintetizando um conceito a respeito da realidade ou de um sistema social, integrando uma espécie de alegoria, uma vez que transmite mais de um sentido que o da simples compreensão literal, já que essa “gente” pode compreender muitos tipos de pessoas. A questão do roubo dos comissários foi tema principal, por exemplo, do jornal cearense *Eco do povo* (1879) e como a corrupção entre os comissários era assunto de grande circulação social, a frase “a seca tem sido inverno para muita gente” acaba por mobilizar efeitos de sentidos já conhecidos à época. Contudo, essa visão construída como sabedoria popular é apresentada por um personagem, um simples retirante, que não é nem nomeado, o que confere autoridade e confiança ao argumento, já que a asserção é sobre a maneira como funcionam as coisas, nesse momento, dizendo o que é verdadeiro. A base da sabedoria popular vem de pessoas simples, renegados, o que dá o *status* de veracidade e ironia à frase.

Os escritos da seca de Patrocínio também são pródigos na construção de um discurso da estereotípiã, uma vez que a região estava naquele momento, começando a ser estruturada a partir de delimitações simbólicas fortes e imagéticas, um processo que acaba por achatar e uniformizar o conhecimento sobre o sertão do antigo norte em função de uma perspectiva política. A construção imagética tanto dos retirantes, dos sertanejos, como da paisagística do sertão estabelece um lugar marcado pela falta, pela falta de água, de alimentos, de possibilidades e condições. A instituição desse espaço, o Norte da seca, dá-se através de um longo trabalho discursivo, através da estratégia de estereotipização do discurso que, segundo Albuquerque Júnior, é marcado pelo discurso assertivo e repetitivo.

⁵³ PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: Editora Três, 1973, n. 33, p. 171 e 185.

Esse fenômeno pode ser observado tanto nas cartas como no romance e, principalmente, na composição das cartas anteriormente analisadas, em que a figura de retórica mais observada é a hipotipose, ou seja, Patrocínio apostou na capacidade que a escrita tem de nos fazer ver as imagens, através de uma descrição vívida e significativa, o que faz da linguagem um instrumento duplamente expressivo, capaz de transformar a escrita em um espetáculo teatral apoteótico e fantástico.

A heterogeneidade dos modos de se falar sobre a seca, ora afirmando ora negando, ora afirmando que há recursos, ora que não há, que os comissários são honestos, que são desonestos, acabou por construir uma hegemonia dos discursos que se repetem e que, por representarem um discurso de poder, permanecem. Com a apresentação de vários trechos tanto das cartas de Patrocínio como de seu romance, podemos perceber que os assuntos referentes à seca são sempre os mesmos: canibalismo, prostituição, perda dos valores morais, entendidos aqui como os ensinamentos que são passados desde o nascimento para a vida em sociedade, desonra, animalização dos seres humanos, fome entre outros. A diferença está em como vão ser abordados – afirmando ou negando-os. Para tanto, as figuras de linguagem retórica, ou seja, aquelas usadas com o intuito de persuadir o leitor, aparecem como peças chaves na composição desses escritos, uma vez que podem garantir o sucesso da construção desses discursos de convencimento.

O que podemos observar é que os escritos de Patrocínio acabaram por contribuir na construção da história discursiva deste fenômeno, uma vez que foram usados pelos principais interessados em construir uma história de falta, de carência para a região. Até o presente, este discurso está a serviço dos grandes proprietários de terras e políticos, que buscaram por todos os meios conseguir tirar o máximo de vantagens da situação. A seca torna-se um espetáculo, como o de um teatro que toma as folhas dos periódicos como palco para narrar cenas fortes e brutais, próprias para prenderem a atenção dos espectadores, na qual o espaço torna-se um estereótipo da natureza árida e ardente, caracterizada pelo excesso de imagens e metáforas, pelo grande número de referências ligadas a morte em um estilo simples, mas de múltiplas repetições, de modo a reforçar a ideia de desespero carência e morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cenas imagéticas da seca, uma vez que falar do evento naquele momento não era só discorrer sobre a falta de chuvas, que se pintam das cores mais intensas e fortes perante os olhos dos expectadores, vão aos poucos se delineando e se sedimentando na mente dos leitores pela prática discursiva que se torna regular presente e legitimada pelos periódicos, nas diversas cartas e notícias que exploram as condições sociais e políticas do fenômeno, que se apresenta como uma rachadura na vida cotidiana dos sujeitos, evento inexorável e desorganizador da sociedade.

O papel da imprensa Oitocentista foi de suma importância na criação discursiva da seca, pois, segundo Barbosa, naquele momento ter a força da palavra impressa era um meio de tornar-se reconhecido e distinguido, numa época em que o burburinho das vozes era marca evidente e onde as palavras se divulgavam aos gritos, os impressos acabavam por espelhar esse mundo de natureza oral – a força simbólica da pena estava inerentemente ligada à força da voz. José do Patrocínio foi um dos homens de voz ativa nesse cenário, conhecido como grande orador e publicista, pois toda a sua vida profissional foi desenvolvida junto com a palavra impressa. Embora o autor acreditasse estar fazendo uma denúncia social em seus escritos da seca, cartas e romance, suas ficções também acabaram sendo usadas para corroborarem com a construção do discurso de falta e carência da região, sedimentando um lugar surreal e seus habitantes caricatos no imaginário das pessoas.

Nas missivas publicadas sob o título “Viagem ao Norte”, na coluna “Folhetins”, do jornal *Gazeta de Notícias*, também observamos as semelhanças narrativas entre seus dois gêneros ficcionais – cartas e romance – de forma muito clara, na descrição de lugares e pessoas, bem como no uso da transposição de algumas histórias, como mera reprodução de um contexto para outro, reafirmando o estatuto ficcional da arte epistolar enquanto técnica regrada e artificial.

Apesar de ser reconhecido como um homem de letras do século XIX, Patrocínio nunca gozou de prestígio literário, foi tido pelos primeiros críticos e historiadores literários somente como um hábil jornalista político e reconhecido pela sua luta contra a escravidão. Desse modo, seu nome acabou permanecendo por outros motivos que os literários e suas obras foram relegadas ao limbo, onde ainda permanecem.

RECEBIDO EM: 14/12/2017

PARECER DADO EM: 28/02/2018



www.revistafenix.pro.br